



### Uma voz de Orelha

Orelhão de Abano só era requisitado para uma coisa: cumprir a ordeira, obediente e repetitiva tarefa de ouvir. Um dia teve um sonho. No sonho, ouviu uma voz que muito o impressionou. Quis saber de quem era. Esticou-se para cima e viu um ser cheio de movimento, rodeado de orelhas, orelhinhas e orelhões, era o centro de muitas atenções. Quis saber de quem se tratava. Escutou dizer que aquele era o espetacular Boca-Bocão. Boca-Bocão era bocudo, extremamente mandibular, possuía uma enorme língua portuguesa e várias outras estrangeiras. De tudo falava, porque de tudo sabia. Ele era um dos responsáveis por engravidar as orelhas que o rodeavam. Ao mesmo tempo em que Orelhão de Abano admirou aquela criatura, sentiu medo dela, ela lhe parecia um ser superior, ativo, iluminado e ele, inferior, passivo, obscuro. Foi aí que no sonho, teve outro sonho o de ser um Boca também. Como num sonho dentro de outro sonho tudo é possível, Orelhão virou um Boca-Boquinha. Conseguiu pela primeira vez escutar a sua própria voz. Mas teve um sentimento estranho: sua voz era voz de orelha. Era o eco de tudo que havia escutado. Quis saber por que era apenas eco. Foi ao Templo dos Sentidos consultar o grande guru Cabeção-cabeça. Queria saber se o destino de todo Orelhão de Abano que

se torna Boquinha é se tornar um ecoísta? Sentia que o ecoísmo invadiu seu ser. Antes de mais nada, guru Cabeção acalmou Boquinha dizendo que *“ser o eco de vozes que lutam pela igualdade de oportunidades, que pregam o respeito às diferenças, amor entre os seres humanos, o bem-estar mútuo pode ser uma missão muito importante. É bom que isso seja repetido por muitos, sempre, em todos os lugares. O problema do ecoísmo está na falta de seletividade”*. Foi aí que guru Cabeção revelou a existência de criaturas auriculares que faziam um trabalho de seleção do que ouviam, essas criaturas eram conhecidas como Os Grandes Ouvidos Seletivos. Quando se transmutavam em Bocas, os Grandes Ouvidos Seletivos não saíam por aí repetindo qualquer coisa que tinham escutado. Eram ecoístas daquilo em que acreditavam, daquilo que para eles fazia sentido. Bocas nem sempre unânimes, mas quase sempre honestas. Palavras nem sempre agradáveis, mas quase sempre honestas. Comprometimento com o que se diz, a partir da seleção do que se ouve. Orelhão de Abano ficou animado com as revelações do guru Cabeção-Cabeça. E como quer se tornar um Boca - “show-de-bola” vai fazer do ato de ouvir um ato ativo, criativo e comprometido.

Aluno-leitor, todos nós somos de alguma forma ecoístas. É difícil ser totalmente original. Não somos isoladas ilhas, nem devemos querer ser. O importante é:

1) como pessoas, começarmos a decidir do que seremos eco. É bom que não sejamos meros Orelhões de Abano, temos que trabalhar para nos tornarmos Ouvidos Seletivos;

2) como alunos, entendermos que o processo de produção do conhecimento se dá através da interpenetração constante do que já existe com o que ainda está por vir.

## **UM CASO AMOROSO DE ECOÍSMO**

Orelhão de Abano está fazendo um trabalho consigo mesmo para se tornar um Ouvido Seletivo. Orelhão queria escutar alguma coisa. Em princípio achava que o que viesse ele traçaria. Mas aproveitou a oportunidade para exercer o seu ouvido seletivo e por isso se perguntou: -

O que eu realmente gostaria de ouvir? Não sabe por que, mas só vinha em sua orelha à letra da música **Monte Castelo** do Renato Russo.

## MONTE CASTELO

AINDA QUE EU FALASSE A LÍNGUA DOS HOMENS/ E FALASSE A LÍNGUA DOS ANJOS, / SEM AMOR EU NADA SERIA./ É SÓ O AMOR, É SÓ O AMOR/ QUE CONHECE O QUE É VERDADE/ O AMOR É BOM, NÃO QUER O MAL./ NÃO SENTE INVEJA, OU SE ENVAIDECE./ AMOR É FOGO QUE ARDE SEM SE VER/ É FERIDA QUE DÓI E NÃO SE SENTE/ É UM CONTENTAMENTO DESCONTENTE./ É DOR QUE DESATINA SEM DOER./ AINDA QUE EU FALASSE A LÍNGUA DOS HOMENS/ E FALASSE A LÍNGUA DOS ANJOS, / SEM AMOR EU NADA SERIA? É UM NÃO QUERER MAIS QUE BEM QUERER/ É SOLITÁRIO ANDAR POR ENTRE A GENTE/ É UM NÃO CONTENTER-SE DE CONTENTE/ É CUIDAR QUE SE GANHA EM SE PERDER/ É UM ESTAR-SE PRESO POR VONTADE É SERVIR A QUEM VENCE O VENCEDOR; / É UM TER COM QUEM NOS MATA LEALDADE./ TÃO CONTRÁRIO A SI É O MESMO AMOR./ ESTOU ACORDADO E TODOS DORMEM TODOS DORMEM TODOS DORMEM/ AGORA VEJO EM PARTE/ MAS ENTÃO VEREMOS FACE A FACE./ É SÓ O AMOR, É SÓ O AMOR/ QUE CONHECE O QUE É VERDADE./ AINDA QUE EU FALASSE A LÍNGUA DOS HOMENS/ E FALASSE A LÍNGUA DOS ANJOS, / SEM AMOR EU NADA SERIA.

Orelhão pensou: - Renato Russo é realmente um grande Ouvido Seletivo. Sua música **Monte Castelo** é uma grande colagem. Está repleta de ecos. É um grande intertexto.

## PINGUE-PONGUE DE FERAS

Saque do apóstolo Paulo

(Na Grécia, século I, para os Coríntios).

***"Se eu falar as línguas dos homens, e dos Anjos, e não tiver caridade, não sou nada".***

Saque de Renato

(No Brasil, século XX, para os Brasileiros).

*“Ainda que eu falasse a língua dos homens/ e falasse a língua dos anjos, /sem amor eu nada seria”.*

Saque de Camões

(Em Portugal, século XVI, para os portugueses).

*“Amor é fogo que arde sem se ver/ é ferida que dói e não se sente/ é um contentamento descontente/ é dor que desatina sem doer/ é um não querer mais que bem querer...”.*

Renato, “matando a pau”.

Criativa e surpreendente fusão de Paulo e Camões. Eco forte. Nova voz. Voz nova. Jogo de idas e voltas. Passados e futuros. Retomadas e Prosseguimentos. Reprodução e criatividade. Intertexto que ilumina e revigora o dizer e o faz prosseguir.

Orelhão, a essa altura do campeonato, estava cheio de ecos em seus ouvidos. E como um eco puxa outro , não conseguia parar de pensar num poema de Gregório de Matos sobre o amor. O poema é o seguinte:

**O AMOR É FINALMENTE  
UM EMBARAÇO DE PERNAS  
UMA UNIÃO DE BARRIGAS,  
UM BREVE TREMOR DE ARTÉRIAS.  
UMA CONFUSÃO DE BOCAS,  
UMA BATALHA DE VEIAS,  
UM REBOLIÇO DE ANCAS,  
QUEM DIZ OUTRA COISA, É BESTA.**

Não sabe por que, mas achou que esse poema de alguma forma se relacionava com o de Camões, pareceu-lhe que Gregório estava questionando a posição contemplativa que Camões tinha do amor. Gregório realça o aspecto carnal, que Camões não enfatiza. E foi aqui que contatou um outro tipo de relação entre textos a que se dá por oposição.

Com tantas vozes em seus ouvidos, Orelhão resolveu soltar a sua própria. Pegou o apóstolo Paulo, Camões, Renato Russo e Gregório de Matos e escreveu um texto sobre o ato de produzir conhecimento. Seu texto está cheio de vozes. Descobriu um nome para isso: *polifonia*.

**FALAR A LÍNGUA DOS HOMENS É FINALMENTE  
DIZER PALAVRAS REPETIDAS  
UM EMBARAÇO DE DIZERES,  
MAS QUAIS SÃO AS PALAVRAS QUE NUNCA FORAM DITAS?  
UMA UNIÃO DE VOZES  
É UMA CONFUSÃO DE LÍNGUAS EM TODAS AS LÍNGUAS  
UMA BATALHA DE PODER E AMOR  
UM REBOLIÇO INCESSANTE DE ECOS  
QUEM DIZ OUTRA COISA, É BESTA.**

Orelhão gostou da brincadeira de construir em cima do já construído e percebeu que mesmo se utilizando do que já existe, se souber fazer uma boa seleção, poderá exercer sua criatividade. Saber selecionar, eis a questão! É só começar.